

## A filosofia no ocidente cristão

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela  
Universidade Federal de Mato Grosso.

Em outra empresa, havíamos tecido inúmeros comentários ao texto de Pieper: *O Caráter Problemático de uma Filosofia Não-Cristã*. Entretanto, não nos damos por satisfeitos e, dada a riqueza inesgotável de tal texto, houvemos por bem retornar a ele.

### 1. Filosofia cristã: um círculo quadrado?

Esta intervenção de Pieper, ao que tudo indica, teve por motivação a declaração de Heidegger, segundo a qual uma filosofia cristã seria como um círculo quadrado. Pieper, no presente texto, nada mais faz que inverter esta sentença. De fato, para ele, um círculo quadrado seria antes um ato de filosofar que prescindisse da Revelação cristã.<sup>1</sup>

Pieper, atento à “malícia” da sentença heideggeriana, procedente do fato de este pensador não admitir a legitimidade do caráter suprarracional que uma filosofia cristã sempre supõe, opta por frequentar os textos dos primeiros filósofos gregos. Quer ele mostrar com esta atitude, que o suprarracional, longe de lançar dúvidas sobre a autenticidade e legitimidade do filosofar, pode ser, ao contrário, considerado como uma de suas características primordiais.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> PIEPER, Joseph. **O caráter problemático de uma Filosofia "não-cristã"**. Trad: Gabriele Gregersen e Jean Lauand. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#2>> Acesso em: 11/08/2006. “Uma filosofia cristã é um círculo quadrado’, uma contradição em termos – esta agressiva sentença de Martin Heidegger, evidentemente determinada mais por um impulso passional do que por um juízo ponderado, provavelmente não encontrará assentimento nem mesmo entre aqueles que admitem tratar-se de assunto extremamente problemático.”

<sup>2</sup> *Idem. Op.Cit.*: “Nossa tese refere-se unicamente à interpretação racionalista-secular – e, portanto, assumida e decididamente não-cristã – do mundo que pretende considerar-se “filosofia” no mesmo sentido em que esse conceito era entendido pelos fundadores da tradição ocidental de pensamento, como por exemplo Platão e Aristóteles.”

## 2. O conceito de filosofia

Com efeito, o próprio termo filosofia tem o seu fundamento assentado em uma convicção religiosa: só os deuses são sábios; os homens apenas buscam a sabedoria. Sem embargo, esta foi a intuição que fez Pitágoras chamar de filósofos – amigos da sabedoria – os homens e sábios, apenas os deuses.<sup>3</sup>

Sócrates – um dos pais da filosofia – só confirma tal desvelo, quando ressalta que os deuses não se dedicam ao filosofar. Os deuses, diz Sócrates, exatamente por serem sábios, não precisam filosofar.<sup>4</sup> De fato, a filosofia não é para os sábios, senão para aqueles que buscam a sabedoria. Por conseguinte, em Sócrates, filosofia se torna como uma aspiração divina presente no homem, ou seja, uma inclinação que este possui para assemelhar-se aos deuses. Neste sentido, além de supor a existência dos deuses, a própria noção de filosofia implica uma abertura ao espaço religioso.<sup>5</sup>

Aristóteles também não pestaneja em admitir, que a pergunta, “*o que é isto*”, que funda a sua metafísica ou filosofia primeira, não tem na história a sua resposta última, senão em Deus.<sup>6</sup> Portanto, também para ele, a aventura do filosofar transcende o próprio homem e só se realiza plenamente na dimensão do divino. Há aqui uma clara abertura para o transcendente e Pieper parece perfilhar do mesmo parecer de Jaeger, segundo o qual, também o pagão Aristóteles, inaugura a sua filosofia com a fórmula *credo ut intelligam*, cunhada, evidentemente, pela posteridade.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004. p. 11: “Conforme a tradição, o criador do termo ‘filosofia’ foi Pitágoras, o que, embora não sendo historicamente seguro, é no entanto verossímil. O termo certamente foi cunhado por um espírito religioso, que pressupunha ser possível só aos deuses uma ‘sofia’ (‘sabedoria’), ou seja, a posse certa e total do verdadeiro, enquanto reservava ao homem apenas uma tendência à sofia, uma continua aproximação do verdadeiro, um amor ao saber nunca totalmente saciado (...)”.

<sup>4</sup> PLATÃO. **O Banquete**. Trad. Jean Melville. Rev. Antonio Carlos Marques. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 145: “(...) nenhum dos deuses, como é claro, exerce a filosofia, ou deseja ser sábio, pois que como deus já o é; quem é sábio não filosofa (...)”.

<sup>5</sup> PIEPER. *Op. Cit.*: “Nesse conceito tradicional de filosofia, o sentido antes de mais nada literal da palavra grega *philosophia* é tomado, sobretudo por Platão, de modo muito mais *originário* do que ocorre usualmente. Platão toma estritamente ao pé da letra um dito de Pitágoras segundo o qual só Deus seria sábio (*sophos*), enquanto o homem, na melhor das hipóteses, é somente alguém que busca amorosamente a sabedoria (um *philo-sophos*). A afirmação de Sócrates, em *O Banquete*, de que nenhum dos deuses filosofa, não passa afinal de uma outra forma de exprimir o mesmo pensamento.”

<sup>6</sup> *Idem. Op. Cit.*: “também um realista como Aristóteles vem a dizer o mesmo. Aristóteles está convencido de que a pergunta sobre “Que é isto? Algo real?”- formulada por ele de modo resumido e compacto, em apenas três sílabas: *ti to on?* –, não é apenas uma questão que se coloca “*desde sempre, hoje, e para sempre*”; ela estaria almejando, para além disto, como diz Aristóteles, uma resposta conhecida unicamente por Deus.”

### 3. A filosofia como busca da totalidade

Desta sorte, todo discurso filosófico, que se pretenda autêntico, precisa lidar com a hipótese de Deus e do transcendente. De fato, a filosofia sempre almejou um conhecimento universal e não compartimentado da existência. E isto a torna, decididamente, diversa da ciência moderna.

Com efeito, o médico não se preocupa em saber quais sejam as relações da doença com a realidade como um todo (Deus e o Mundo); interessa-lhe apenas a causa imediata daquele mal a ser sanado. Já o filósofo, ao contrário, não se pode satisfazer com tal *precisão*. Sem embargo, importa-lhe conhecer a *causa última* de todas as coisas e a relação das coisas com ela. Portanto, o filosofar não poderá prescindir do postulado de Deus como causa primeira, bem como do mundo e do homem como efeitos dEle.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Um dos resultados mais surpreendentes da fundamental análise histórica de Werner Jaeger é a seguinte constatação: também a doutrina aristotélica do ser estaria, em última análise, determinada pelo *credo ut intelligam*, pelo pressuposto anterior de uma fé que transcende o pensamento e é seu pressuposto.” Aristóteles afirma que o princípio da ciência não é científico, mas intuitivo. Ora, em Aristóteles, filosofia e ciência caminham juntas; entre elas, não existe separação. Por conseguinte, o princípio do filosofar ou o da ciência, também não é científico ou filosófico, mas *intuitivo*, isto é, não procedente de um *raciocínio demonstrativo*. Veja-se o texto dos *Primeiros Analíticos*, onde Aristóteles fala do *intelecto intuitivo*: ARISTÓTELES. **Primeiros Princípios**. B, 23. In: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 463: “(...) Isso resulta na pesquisa, não só a quem faz essas considerações, mas também do fato de o princípio da demonstração não ser uma demonstração; conseqüentemente, *o princípio do conhecimento científico não é o conhecimento científico*. Então, se não temos nenhum outro gênero de conhecimento verdadeiro além da ciência, *a intuição será princípio da ciência*. A intuição, então, pode ser considerada princípio do princípio, enquanto a ciência, no seu conjunto, é princípio com relação à totalidade do que é seu objeto.” (Os itálicos são nossos). Tomás, citando Aristóteles, afirma: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. II-II, 2, 3, C: “Todo aquele que aprende assim, é necessário que creia, para alcançar a ciência perfeita, como diz o Filósofo: *‘para aprender é necessário crer.’*” A citação em Aristóteles encontra-se em *De Sophist. Elench* I, 2: 161, b, 3. É evidente que estas afirmações não bastam para afirmar a recorrência ao divino e ao superracional. Mas a influência da “intuição” na composição da própria filosofia ou ciência, atesta, de forma manifesta, que Aristóteles não era um *racionalista*, e que este fato capital repercute em toda sua obra.

<sup>8</sup> PIEPER. *Op. Cit.*: “As questões verdadeiramente filosóficas (como por exemplo: ‘O que é o conhecer?’, ‘O que ocorre, do ponto de vista da totalidade, quando morre um ser humano?’) impelem-nos a um confronto com o todo da realidade e da existência. Quem as formula vê-se, com efeito, obrigado a falar ‘de Deus e do mundo’, e isto é precisamente o que marca a diferença entre a filosofia e a ciência. O médico que investiga a causa de uma doença já não está lidando com o mundo como um todo; não tem necessidade de falar ‘de Deus e do mundo’; aliás, nem ao menos está autorizado a fazê-lo.” Sobre a distinção – não oposição à maneira cartesiana – entre a filosofia e as ciências particulares, deve-se dizer que a filosofia tem como seu objeto formal o conhecimento das causas mais elevadas e universais, enquanto que as ciências particulares buscam o conhecimento das causas inferiores e imediatas. Portanto, se à ciência cuida tudo conhecer pelas causas próximas, compete à filosofia, antes, conhecer as coisas pelas suas causas primeiras. H.D. Gardeil. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível em: << <http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>>> Acesso em: 11/08/2006. “A filosofia é, nessa linha de procura, a explicação pelas causas mais elevadas, pelas causas primeiras, quer dizer, por causas que se bastam a si mesmas e além das quais nada mais há a procurar. Tal é a razão formal pela qual a filosofia se distingue das ciências particulares. (...) Portanto, absolutamente nada há que

#### 4. Deus

Agora bem, pode-se fazer o seguinte questionamento: será que a totalidade do real, inclui Deus e o aspecto religioso? Com respeito a isso, Pieper nos convida a nos voltarmos ao *Banquete* de Platão, onde se encontra o tema do *Eros*.

Ora bem, como entender o *Eros*, que se apresenta, a princípio, qual força impetuosa que tende para o bem? Discursam no diálogo os mais variados “cientistas”. No entanto, quando o filósofo toma a palavra, sua atenção se volta para a questão da origem da alma. Ele a formula em termos inegavelmente religiosos: a alma, por força de uma sanção, proveniente de um ônus originário, teria decaído e perdido o estreito conúbio que tinha com os deuses. Desta feita, o *Eros* seria, então, como uma força a impelir a alma, a fim de que esta busque, novamente, o consórcio perdido com os deuses. Desta sorte, o *Eros*, força que passará a expressar o desejo do filósofo pela sabedoria, será, enfim, uma tendência irresistível presente no homem de, por meio da *contemplação eidética, religar-se (religare, religião)* aos deuses.<sup>9</sup>

De resto, no *Menon*, após uma seletiva e persuasiva argumentação racional, Sócrates não tergiversa em suspender a controvérsia, dizendo que a partir de então era impossível continuar num caminho exclusivamente racional, e que seria necessário consultar aqueles que são versados nas coisas divinas. Ora, isto mostra que a filosofia toca os seus limites, precisamente quando reconhece o papel do que se pode chamar: teologia. Não que o debate se encerrasse, mas, doravante, era preciso introduzir nele o elemento “supra-racional”.<sup>10</sup>

não esteja compreendido no objeto da filosofia, a qual tem, desta forma, o máximo de extensão. Assim é que podemos dizer, em conclusão, que ‘a filosofia é o conhecimento pelas causas primeiras e universais’”.

<sup>9</sup> PIEPER. *Op. Cit.*: “Também no *Banquete* de Platão, cujo tema é o *Eros*, ocorre o seguinte: depois de terem falado o sociólogo, o psicólogo, o biólogo, alguém se levanta e diz que não se pode apreender o verdadeiro sentido do *Eros* sem considerar a natureza da alma e o que lhe sobreveio, nos primórdios, em confronto com os deuses. Passa então a contar o mito da perfeição originária do homem, falando a respeito da sua culpa e da sua punição. Em resumo, narra a história do paraíso perdido, interpretando *Eros* como o anelo pela santa forma primitiva.” A respeito do *Eros* platônico Reale faz as seguintes considerações: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 222: “O amor é nostalgia do Absoluto, uma tensão transcendente para o meta-empírico, e uma força que nos impele a retornar ao nosso lugar originário *ser-junto-dos-Deuses*.”

<sup>10</sup> PIEPER. *Op. Cit.*: “Ainda em Platão: no diálogo *Menon*, quando se torna evidente que já não é possível avançar no caminho da argumentação racional, Sócrates afirma que a partir deste momento se torna necessário apoiar-se naqueles “que são sábios nas coisas divinas”. Mais uma vez, portanto, volta-se para um dado proveniente de fonte sobre-humana, cuja interpretação pode, de modo não impróprio, ser denominada *Teologia*.” Neste mesmo sentido, Sócrates, no *Fédon*, ao falar sobre aqueles que presidem os mistérios, chega a afirmar que eles são os que melhor filosofaram: PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. p. 131: “Porque, como dizem aqueles que presidem aos mistérios: ‘Muitos levam o tirso, mas pouco os bacantes’, e estes são, conforme penso, aqueles que filosofaram bem.” Na terceira e última parte da *Apologia a Sócrates*, Sócrates declara diante de seus algozes, que o destino dos homens – tanto na morte quanto

De sorte que, ao menos se pensarmos no labor daqueles que foram os fundadores do pensamento filosófico ocidental, pertencem à consideração *do todo* também a questão religiosa e Deus.

Ora, este *conceito de sabedoria* dos antigos, que consiste no conhecimento da totalidade das coisas mediante a sua causa suprema, e que inclui, de modo intangível, Deus e a religião, era oriundo, segundo eles próprios, de uma vetusta “tradição santa”<sup>11</sup>, acessível somente aos versados nas coisas divinas. Na verdade, ambas, quais sejam, a *sabedoria filosófica* e a própria “tradição santa”, provieram de uma *fonte divina*, à qual o homem também pertencia, mas da qual, em virtude de uma *culpa originária*, havia caído, e à qual, agora, animado pelo *Eros* e através da *anamnese (reminiscência)*, é impulsionado a unir-se

na vida – é conhecido apenas pela divindade. Com esta afirmação, Sócrates reconhece os limites do nosso conhecimento. PLATÃO. **Apologia a Sócrates**. III. Trad. Enrico Corvisieri e Mirtes Coscodai. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. p. 73: “Bem, é chegada a hora de partimos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor destino, se eu, se vós, é segredo para todos, exceto para a divindade.”

<sup>11</sup>Maritain, por exemplo, diz que tal tradição era formada por um conjunto de verdades que se tornariam, ulteriormente, fundamentais para a própria filosofia. Com efeito, muitas das nossas grandes verdades filosóficas, conclui o filósofo francês, remetem-nos a uma tradição bem mais antiga do que a própria filosofia, e, por conseguinte, não-filosófica. De fato, os princípios da filosofia, enquanto acabam coincidindo-se com os próprios princípios da razão, precedem a mesma filosofia, da mesma forma que a razão precede os diversos usos que o homem faz dela. MARITAIN, Jacques. **Elementos de Filosofia I: Introdução Geral à Filosofia**. 18ª ed. Trad. Ilza das Neves e Heloísa de Oliveira Penteadado. Rev. Irineu da Cruz Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1994. p. 23: “Entretanto, algumas das verdades mais simples que a Filosofia irá estudar foram conhecidas muito antes que a filosofia existisse, e encontramos-las entre todos os povos antigos, mesmo nos tempos mais remotos, sob forma mais ou menos rudimentar e com alterações e acréscimos mais ou menos graves. Mas este conhecimento dessas verdades simples, esses povos o adquiriram, não da Filosofia, e sim desse exercício absolutamente espontâneo e instintivo da razão que procede do senso comum; na realidade, tais conhecimentos resultaram também, e sobretudo, da tradição primitiva.” Ora, estas verdades, provenientes dos povos de antanho, não se encontravam neles com o rigor de uma formulação filosófica. Segundo Maritain, elas aí se achavam de uma maneira “pré-filosófica”, segundo as intuições do senso comum. Sem embargo, estas verdades estavam entranhadas nas tradições religiosas destes povos, que exatamente confirmavam os costumes do senso comum. Logo, podemos concluir que, antes do nascimento da filosofia, era a religião que fazia às vezes da filosofia e que as grandes questões filosóficas procederam da religião e do próprio senso comum. *Idem. Ibidem.* p. 24 e 25: “Diremos, porém, que se achavam (As ditas verdades primeiras) sob certo modo de ser ou num estado pré-filosófico, uma vez que eram ensinadas pela tradição religiosa que confirmava os conhecimentos instintivos do senso comum. (...) É realmente a religião quem faz então às vezes de Filosofia: através dela, esses povos possuem verdades filosóficas; mas Filosofia propriamente, eles não têm.” (O parêntese é nosso). Agora bem, boa parte destas verdades, acentua ainda Maritain, foi, no decorrer dos tempos, sendo esquecida ou pervertida – seja por omissão, seja por acréscimo – e isto devido à fraqueza da inteligência humana: *Idem. Ibidem.* p. 24: “De um lado, temos verdades muito elevadas transmitidas de geração em geração; de outro, a inteligência dominada pelos sentidos e pela imaginação: a conseqüência de tal desproporção devia ser fatalmente uma alteração progressiva da tradição adâmica, minada aos poucos pelo esquecimento, manchada pelos erros, corrompida pelo politeísmo e pelas formas religiosas mais degradadas.” Entretanto, aos poucos, estas mesmas verdades, salienta também o nosso filósofo, foram novamente recuperadas, ou seja, redescobertas pelo trabalho de uma razão disciplinada, e nisto se reconhece o mérito inestimável dos primeiros filósofos: *Idem. Ibidem.* p. 33: “Como também nos deve ser caro o labor dos homens que, nesta terra, pelo esforço da razão e sem auxílio da Revelação, chegaram a desvendar os princípios, a assentar os fundamentos imutáveis desta mesma verdade de ordem natural, constituindo uma sabedoria do homem verdadeira e progressiva (filosofia) (...)”. Assim, a filosofia se apresenta, antes de tudo, como um resgate das verdades relativas ao senso comum e à própria tradição religiosa, purificando-as, evidentemente, dos eventuais erros que as contaminaram, e dando-lhes, deveras, uma formulação mais exata e rigorosa.

novamente, pela *contemplação eidética*. Tal concepção está bem presente no platonismo e continuará viva e preservada, ainda que enriquecida e depurada, na mensagem do *Logos* que se fez homem em Cristo.<sup>12</sup>

## 5. A filosofia e o logos cristão

Vale a pena aduzir algumas considerações a respeito do papel do *logos cristão* na dinâmica do próprio *ato de filosofar*. Com efeito, a grande contribuição do cristianismo à filosofia é, antes de qualquer coisa, a revelação do sobrenatural e as implicações que isto traz para a vida do homem, mormente para o seu destino supino no além-túmulo.<sup>13</sup>

Na verdade, a filosofia, conforme já assinalamos neste artigo, sempre esteve prenhe do transcendente. No entanto, este só veio a se colocar como um fato historicamente datável, por ocasião do advento da revelação cristã. Deste então, diante de tal evidência, comprovada por inúmeros fatos históricos, já não era mais possível à filosofia se manter inerte diante da questão relativa à conveniência e legitimidade de um saber suprarracional.<sup>14</sup> Ora, a fim de pronunciar-se ante as exigências que a nova religião impunha, a filosofia viu-se convidada a voltar-se para si mesma e a analisar-se desde os seus fundamentos ontológicos e

---

<sup>12</sup> PIEPER. *Op. Cit.*: “Com efeito, tudo aquilo que, na concepção de mundo platônica, é chamado ‘sabedoria dos antigos’, ‘conhecimento das coisas divinas’, ‘tradição santa, oriunda de uma fonte divina por intermédio de um desconhecido Prometeu’ – tudo isto encontra-se preservado (ainda que depurado, elevado e, ao mesmo tempo, infinitamente ultrapassado) na mensagem anunciada pelo *Logos* divino, que o cristão crê e venera como verdade intangível.” À conclusão análoga chega Maritain: MARITAIN. **Introdução Geral à Filosofia**. p. 33: “Como também nos deve ser caro o labor dos homens que, nesta terra, pelo esforço da razão e sem auxílio da Revelação, chegaram a desvendar os princípios, a assentar os fundamentos imutáveis desta mesma verdade de ordem natural, constituindo uma *sabedoria do homem* verdadeira e progressiva (filosofia) que, encontrada e superelevada pela verdade descida do céu, entrará, um dia na contextura duma sabedoria superior (teologia), *sabedoria do homem divinizado pela graça*, sabedoria por excelência! Quão preciosa nos deve ser a herança sagrada do pensamento helênico.” Para mostrar quão profundas e até mesmo “proféticas” são as relações entre filosofia grega e cristianismo, nada mais lapidar que o “presságio” da passagem da *República*, onde Platão traça o crudelíssimo destino reservado ao justo nesta terra. PLATÃO. **República**. II, 361 e 362 a. In: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 224: “Assim sendo, o justo será flagelado, torturado, amarrado; seus olhos serão queimados e por fim, depois de sofrer todos os males, será crucificado (...)”. Comparar esta passagem com a do *Segundo Isaías*, capítulo 53. De fato, a *sabedoria encarnada* foi crucificada!

<sup>13</sup> FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942. p. 206: “A revelação exerce a sua influência, não tanto pelo seu conteúdo, pelas verdades encerradas no seu depósito, sobretudo pelas verdades naturais, mas, antes de tudo e formalmente como revelação do Sobrenatural que abre às esperanças humanas as perspectivas de mais altos destinos.”

<sup>14</sup> *Idem*. *Op. Cit.* p. 203: “Conhecida, porém, historicamente a existência do sobrenatural, à filosofia impõe-se o dever de pronunciar-se sobre a sua idéia, legitimidade e conveniência.”

antropológicos, a fim de verificar a própria possibilidade do sobrenatural e do transcendente. É quando se fez mister o retorno aos primeiros filósofos.

Agora bem, desde o *daimon* socrático, passando pela ascensão *eidética* platônica, até o claro recurso ao *theiós*, posto desta feita como fundamento do discurso racional em Aristóteles, descobriu-se em todos eles uma notável tendência ou um indeclinável impulso do próprio ato de filosofar para ir além de si mesmo, para ser uma metafísica (*metá tà physiká*), que tende irresistivelmente a ultrapassar-se e a lançar-se para o sobrenatural e o *theion*. Ora bem, tal abertura, procede da admissão e da constatação, por parte dos próprios filósofos, da insuficiência do filosofar para dar conta das questões últimas da existência<sup>15</sup>. Como diz Maritain: “O fruto mais perfeito da vida intelectual deixa ainda o homem insatisfeito”<sup>16</sup>.

Destarte, “A filosofia, portanto, é naturalmente aberta, aberta ao infinito, aberta ao sobrenatural”<sup>17</sup>. E esta sede do sobrenatural, só poderá ser saciada, se exular de si na revelação cristã, pois “(...) só a Boa Nova é, para a humanidade, portadora autêntica do sobrenatural”<sup>18</sup>. Por conseguinte, uma filosofia que saiba reconhecer a sua inolvidável e iniludível aspiração ao infinito como uma exigência incoercível e inapelável da sua própria natureza, ao mesmo tempo em que reconhece também que tal aspiração é intangível às faculdades racionais abandonadas a si mesmas, estará sempre e de forma inexorável com as portas abertas para o Evangelho, como ao seu complemento natural: “Assim, toda filosofia profundamente verdadeira é naturalmente cristã”<sup>19</sup>. Toda sã filosofia será sempre, de algum modo, *preambula fidei*.

Ao contrário, uma filosofia que pretenda negar o seu surto para o infinito, nega-se a si mesma, enclausurando-se a si mesma na razão; esperando assim manter-se filosofia, trai a si mesma; fechando-se numa pretensa racionalidade pura, nega-se exatamente enquanto filosofia.<sup>20</sup>

---

<sup>15</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 204: “A última palavra da filosofia sobre si mesma e sobre o homem é uma aspiração ao infinito e uma confissão de impotência. Toda filosofia que desde às profundidades conclui como uma ‘filosofia da insuficiência’.”

<sup>16</sup> MARITAIN, Jacques. **Les Degrés du Savoir**. p. 14. In: FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942. p. 203. Neste mesmo sentido, arremata Blondel: BLONDEL, Maurice. **Le Problème de la Philosophie Catholique**. p. 132. In: FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942. p. 205: “A razão, longe de estabilizar tudo em conceitos fechados, descobre em si exigências (besoins) que a natureza não satisfaz, um inacabado sempre naturalmente inacabável e, no entanto, incoercivelmente ávido de acabamento.”

<sup>17</sup> FRANCA. *Op. Cit.* p. 205.

<sup>18</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 206: “A última palavra da razão sobre si mesma é o reconhecimento de um vazio que só as promessas cristãs poderão preencher. Por sua natureza, o mais alto esforço da razão humana na compreensão da realidade converte-se numa ‘preparação ao Evangelho’.”

<sup>19</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 206 e 207.

Portanto, a verdadeira filosofia, parece não somente legitimar a revelação cristã e o saber que dela procede (A teologia), mas que também mostra a conveniência da influência desta mesma revelação na própria filosofia.

## 6. A filosofia hoje

Não há como negar que existem ramos da filosofia hodierna, cujo objeto de estudo não inclui o cristianismo ou o suprarracional. Porém, também é verdade que estes mesmos ramos têm propósitos diferentes e métodos diversos daquele tipo de saber filosófico que nasceu na Grécia antiga.<sup>21</sup>

Contudo, para aqueles que se propuseram a continuar dedicando-se à filosofia “clássica”, não há como não identificar em seus pensamentos, ideias oriundas do cristianismo. Descartes, no *Discours de la Méthode*, quando indaga o fundamento da certeza dos nossos conhecimentos, segundo o qual nos persuadimos de que não estamos sendo enganados por nenhum suposto gênio maligno, recorre a Deus.<sup>22</sup>

Kant, no seu tratado, *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*, cita dezenas de perícopes bíblicas. Ora, para quem se propunha permanecer dentro dos limites da simples razão, este forte apelo para uma fonte revelada acaba tornando-se um contrassenso. É claro que daí a dizermos que o sistema kantiano seja uma filosofia cristã, há um grande abismo. Todavia, pelos motivos já aduzidos, não podemos incluí-lo no bojo de uma forma de pensamento na qual estaria totalmente ausente o influxo cultural do cristianismo.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 207: “E a filosofia, que, em face da iniludível questão posta no seu próprio terreno pelo Sobrenatural, se fechasse sobre si mesma numa atitude de negativa não só cometeria um pecado contra o cristianismo mas se negaria a si mesma como filosofia.” *Idem. Op. Cit.* p. 206: “Mas a filosofia que se diz cristã, porque aberta ao sobrenatural, no sentido acima exposto – é uma só – a própria filosofia na sua perfeição integral.”

<sup>21</sup> PIEPER. *Op. Cit.*: “Em primeiro lugar, existem indubitavelmente formas modernas de ‘filosofia’ que não têm nenhuma pretensão de ser filosofia naquele sentido originário; na realidade, trata-se, no caso, de ciência, ou *scientific philosophy*, cujo interesse e compreensão estão reservados unicamente a especialistas e técnicos, como, por exemplo, a lógica matemática ou a análise lingüística.”

<sup>22</sup> DESCARTES. **Discurso do Método**. IV. In: Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000. p. 67: “Pois, em princípio, aquilo mesmo que há pouco tomei como regra, ou seja, que as coisas que concebemos bastante evidente e distintamente são todas verdadeiras, não é correto a não ser porque Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós se origina dele.”

<sup>23</sup> PIEPER. *Op. Cit.*



Ninguém, antes do advento da tradição judaico-cristã, poderia produzir uma filosofia como a de Sartre! De fato, não haveria como se chegar à conclusão de que não há natureza humana se não há Deus para concebê-la, para quem desconhecesse o conceito de criação, procedente do universo judaico-cristão: “É preciso ser cristão para apreender o sentido da seguinte sentença: ‘Não há natureza humana, porque não há Deus para concebê-la’”<sup>24</sup>. Ora bem, isto nos leva a concluir que, enquanto permanecermos dentro do espaço da história da cultura ocidental, não há como escapar à influência do cristianismo. Pelo menos, não há neutralidade possível.

---

<sup>24</sup> *Idem. Op. Cit.*

## **BIBLIOGRAFIA**

ARISTÓTELES. **Primeiros Princípios**. In: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BLONDEL, Maurice. **Le Problème de la Philosophie Catholique**. In: FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

GARDEIL. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível em: <<  
<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>>> Acesso em:  
11/08/2006.

MARITAIN, Jacques. **Elementos de Filosofia I: Introdução Geral à Filosofia**. 18ª ed. Trad. Ilza das Neves e Heloísa de Oliveira Penteadó. Rev. Irineu da Cruz Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1994.

\_\_\_\_\_. **Les Degrés du Savoir**. In: FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

PIEPER, Josef. **O Caráter Problemático de uma Filosofia "Não-Cristã"**. Trad.: Gabriele Greggersen e Jean Lauand. Disponível em:  
<<http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#2>> Acesso em: 11/08/2006.

PLATÃO. **Apologia a Sócrates**. III. Trad. Enrico Corvisieri e Mirtes Coscodai. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Banquete**. **Coleção Obras Primas**. Trad. Jean Melville. Rev. Antonio Carlos Marques. São Paulo: Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fédon**. In: São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

\_\_\_\_\_. **República**. In: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.